

Editorial

Os *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, periódico integrante do portal de revistas da Universidade de São Paulo, apresenta seu volume 20, número 2 de 2015. No primeiro artigo, “O que há (se de fato há algo) de errado com o capitalismo? Três vias de crítica do capitalismo”, Rahel Jaeggi (Humboldt Universität) analisa os pontos fortes e fracos dos argumentos utilizados na crítica do capitalismo em três vias argumentativas (funcional, moral, ética) e propõe uma possível combinação das diferentes vias da crítica. O artigo foi originalmente publicado sob o título “Was (wenn überhaupt etwas) ist falsch am Kapitalismus? 3 Wege der Kapitalismuskritik”, em *Working Paper 01/2013 der DFG-Kolleg-Forscher/innengruppe Postwachstumsgesellschaften*, Jena 2013. Para esta edição, foi traduzido por Nathalie Bressiane e a revisão da tradução foi feita por Rúrion Melo.

Maria Isabel Limongi (UFPR), em “O volume I da História da Inglaterra e o debate constitucional inglês: Hume contra a ideia de lei fundamental”, procura mostrar que Hume compreende a constituição e a lei inglesas de forma integralmente histórica. Com a explicitação da posição de Hume acerca de elementos importantes desse debate, a constituição saxã, a conquista normanda e a Magna Carta, a autora afirma que este recusa a ideia de lei fundamental e coloca a instituição da lei como produzida a partir de certas circunstâncias sociais. Para tal, faz especialmente referência à História da Inglaterra, além de outras obras de Hume.

Em “A propósito da noção de ‘caráter’: as presenças de Kant e Schelling na tese de doutorado de Schopenhauer”, Vilmar Debona (UFRRJ) aborda o emprego das noções de “caráter inteligível” e “caráter empírico” na tese de doutorado de Schopenhauer, tendo em vista a recepção das filosofias de Kant e Schelling por este autor.

Editorial

Ulisses Razzante Vaccari (UFSC), em “Os deveres do erudito: filosofia e oratória em Fichte”, investiga o papel da oratória na filosofia de Fichte, aproximando sua concepção de erudito com o conceito kantiano de gênio e com a concepção de Cícero acerca da importância da oratória. Para tal, o autor se apóia especialmente nos textos *Preleções sobre o destino do erudito* e *Sobre o espírito e a letra na filosofia*.

Jorge Luiz Viesenteiner (UFES), em “Estrutura formal e semântica do argumento autogenealógico em Nietzsche”, explicita em que sentido se pode falar em uma “autogenealogia” em Nietzsche, uma vez que não há referências textuais a esta noção. Para tal, o autor mobiliza as estruturas formais e semânticas do argumento genealógico, referentes, respectivamente, a uma práxis interrogativa que impele a um distanciamento metódico, e à passagem à práxis autogenealógica - em seus textos de 1888.

Carolina Noto (USP), em “A filosofia crítica de Foucault: uma recusa do transcendental?”, contrapõe a noção de filosofia crítica em Foucault àquela de Kant, pois esta noção foucaultiana não pode ser compreendida nos mesmos termos que a filosofia transcendental kantiana. Isso pois, embora também investigue as condições de possibilidade de um saber, o interesse de Foucault volta-se às condições singulares ou históricas da existência de um campo de saber.

Em “Figuras da Cisão - judaísmo e unificação no jovem Hegel”, Hernandez Vivan Eichenberger (UFPR) expõe o vínculo entre as reflexões do jovem Hegel sobre o judaísmo e a filosofia da unificação (*Vereinigungsphilosophie*) - pela via da estruturação da noção de cisão.

Viviane Pereira (PUC-RS), em “Sobre a tese ‘ser que pode ser compreendido é linguagem’: hermenêutica como teoria filosófica”, reflete sobre a tese de Gadamer tendo em vista suas possíveis interpretações. A autora considera que, com tal afirmação, Gadamer faz de sua hermenêutica uma filosofia do ser, mas não de um ser

Editorial

metafísico e sim de um ser da linguagem, da história e da tradição.

Em “Transcendentes ou transcendentais? Um ensaio sobre Kant e o erro dos escolásticos”, Gustavo Barreto de Paiva (USP) caracteriza como problemática a projeção do termo “transcendental”, oriundo da filosofia kantiana, sobre a filosofia de autores escolásticos medievais. O autor apresenta o sentido dos termos “transcendente” (*transcendens*) e “transcendental” (*transcendentalis*) na filosofia de Kant e toma como exemplo a “doutrina dos transcendentais” em Duns Escoto para explicitar a distância histórico-filosófica destes autores e como a leitura do próprio Kant evidencia que o termo “transcendental” não deve ser atribuído como tradução a *transcendens* na leitura de autores medievais.

Em “Música envejecida y retorno a la libertad. Las críticas a la Escuela de Darmstadt de T. W. Adorno y su propuesta de una ‘*musique informelle*’”, Sol Bidon-Chanal (Universidad de San Martín, Buenos Aires) aborda a posição de Adorno sobre a Escuela de Darmstadt e também sua proposta de uma música informal.

Por fim, reforçamos o convite às nossas leitoras e aos nossos leitores para que contribuam, através da submissão de textos, com a interlocução filosófica que os Cadernos pretendem estimular e aprofundar.